



**certos  
mal-entendidos**

---

João Paulo Guadanucci é desenhista, com graduação em Artes Visuais e Filosofia pela Universidade de São Paulo e mestrado em História da Arte pela mesma universidade. Trabalha atualmente na Gerência de Estudos e Desenvolvimento do Sesc.

Os seis metros de fachada expressam as diversas vontades dos habitantes do número 6 da rua do cemitério.

Os singelos arabescos do portão foram ideia do tio Décio, que dizia ter se inspirado num livro de fotos, presente do seu patrão. As lajotas retangulares, a decorar o andar superior, foram copiadas de prédios de Higienópolis, onde José sonharia viver. Representando a tradição regional, cara à memória da família, destacava-se a platibanda decorada. Já os caquinhos em vermelho, preto e amarelo constituíram uma questão espinhosa, pois despertavam sensações distintas em cada morador. Mas Dona Gina monopolizava o voto de Minerva: caquinhos são práticos e baratos.

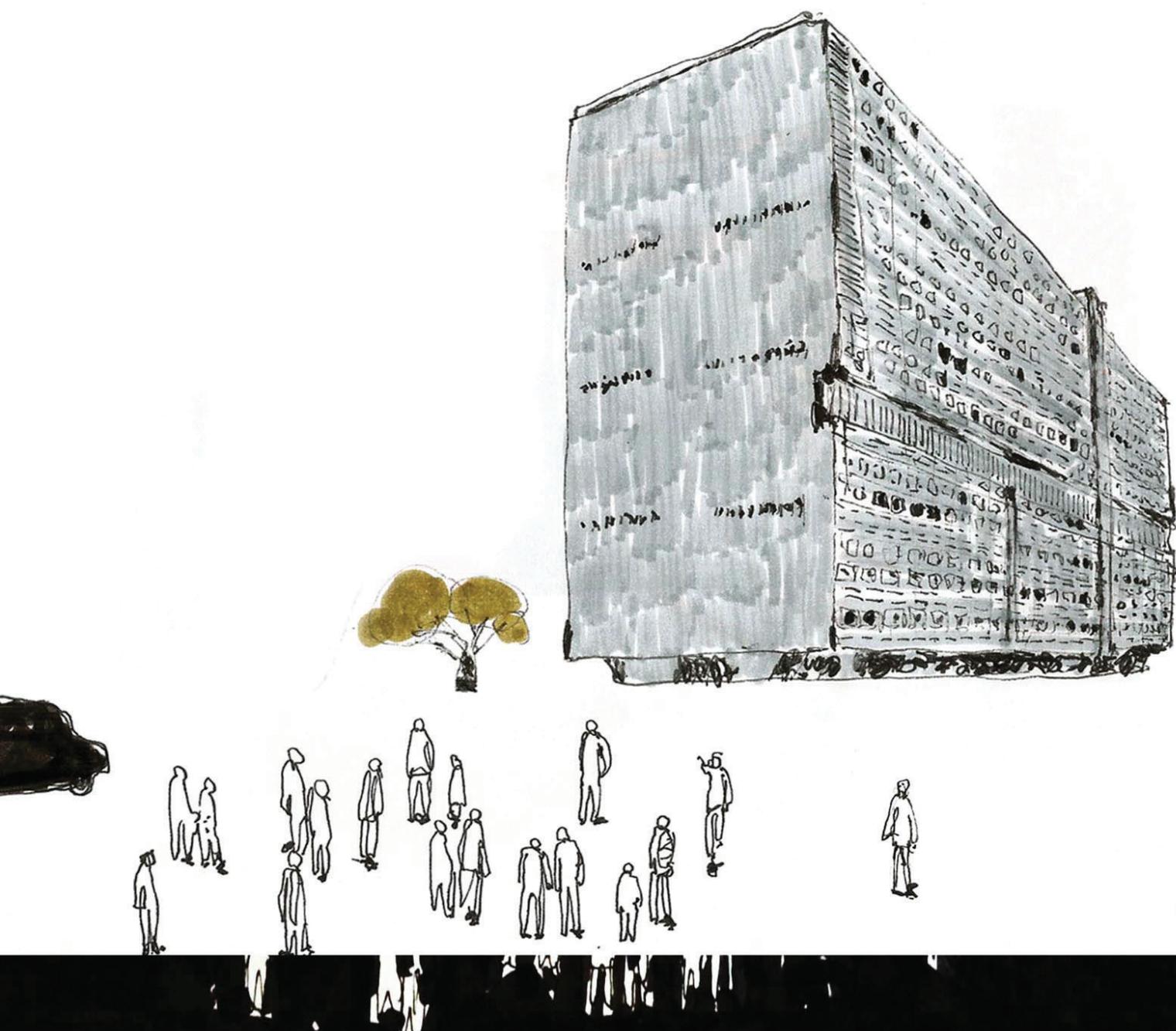
Rodrigo, o mais novo, escolheu o capacho.



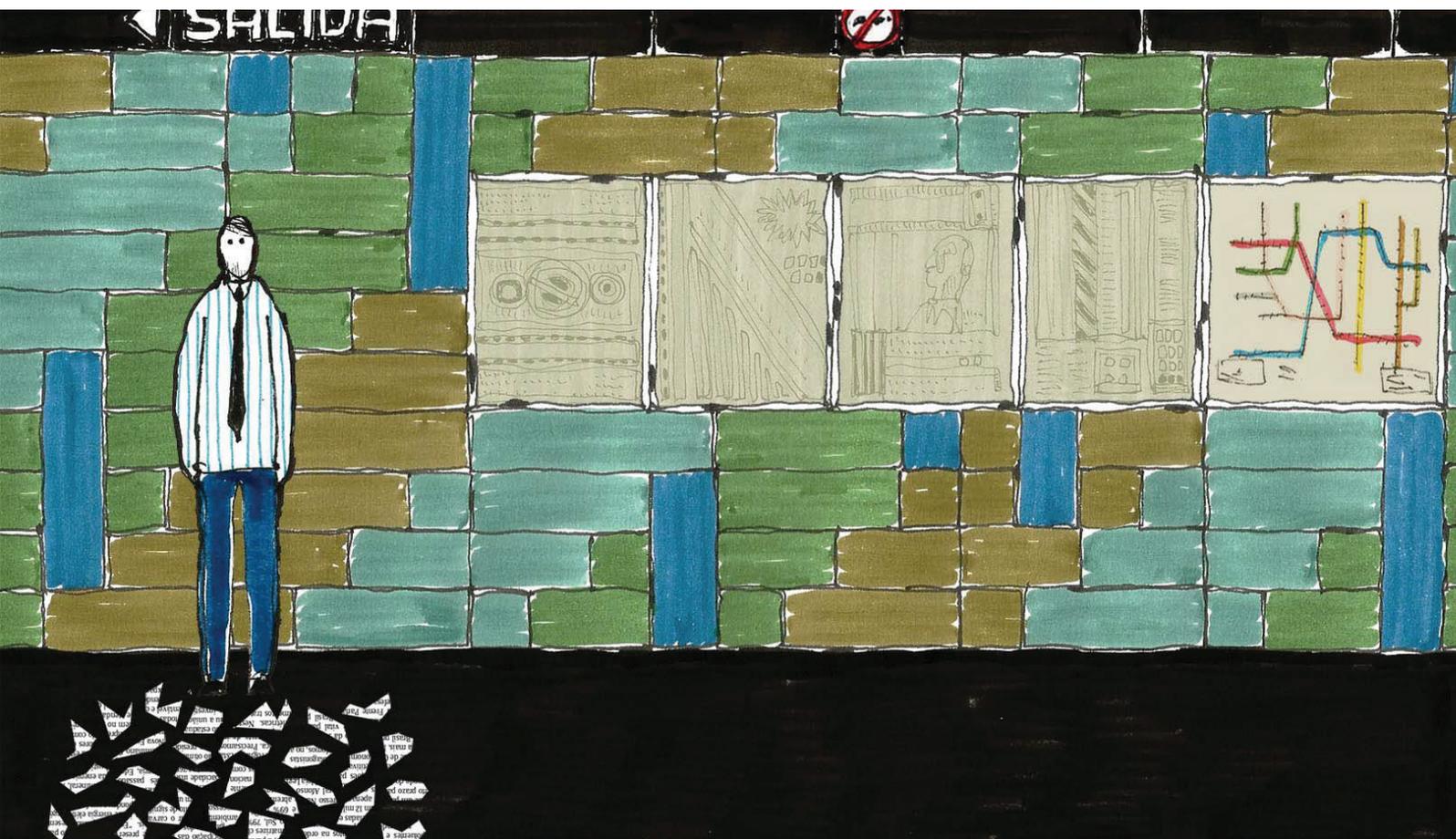


Malaquias está confuso por trabalhar num estabelecimento como o Ray's. Não se parece com nenhum outro salão que tenha conhecido. A música ele até reconhece, já que não se trata de música “de hoje”; o que ele estranha é a preferência por LPs (o que acaba aumentando seu serviço, pois alguém precisa virar o disco). Embora sua especialidade recaia sobre os cabelos, os clientes sempre querem aparar suas barbas, bigodes, cavanhaques, suíças. A atenção com a higiene também lhe parece algo exagerada, assim como a ideia de oferecer drinks.

O barbeiro Malaquias fica um pouco envergonhado quando seu amigo Dirceu passa pela calçada e o vê trabalhando. Ele preferia quando tinha a própria loja, na Vila Ema.



- \_ O que estamos fazendo aqui?
- \_ O guia vai explicar. Espere.
- \_ Por que ele nos trouxe pra ver um prédio parecido com os que têm no nosso bairro?
- \_ Aqui está escrito que é “um prédio moderno, considerado Patrimônio Universal em 1998.”
- \_ Mesmo sendo igual aos outros?
- \_ Talvez, na verdade, não seja tão igual assim.
- \_ Quando vamos poder entrar?
- \_ Não podemos. Pessoas moram lá.
- \_ Tem onde comer?
- \_ Por aqui, parece que não.

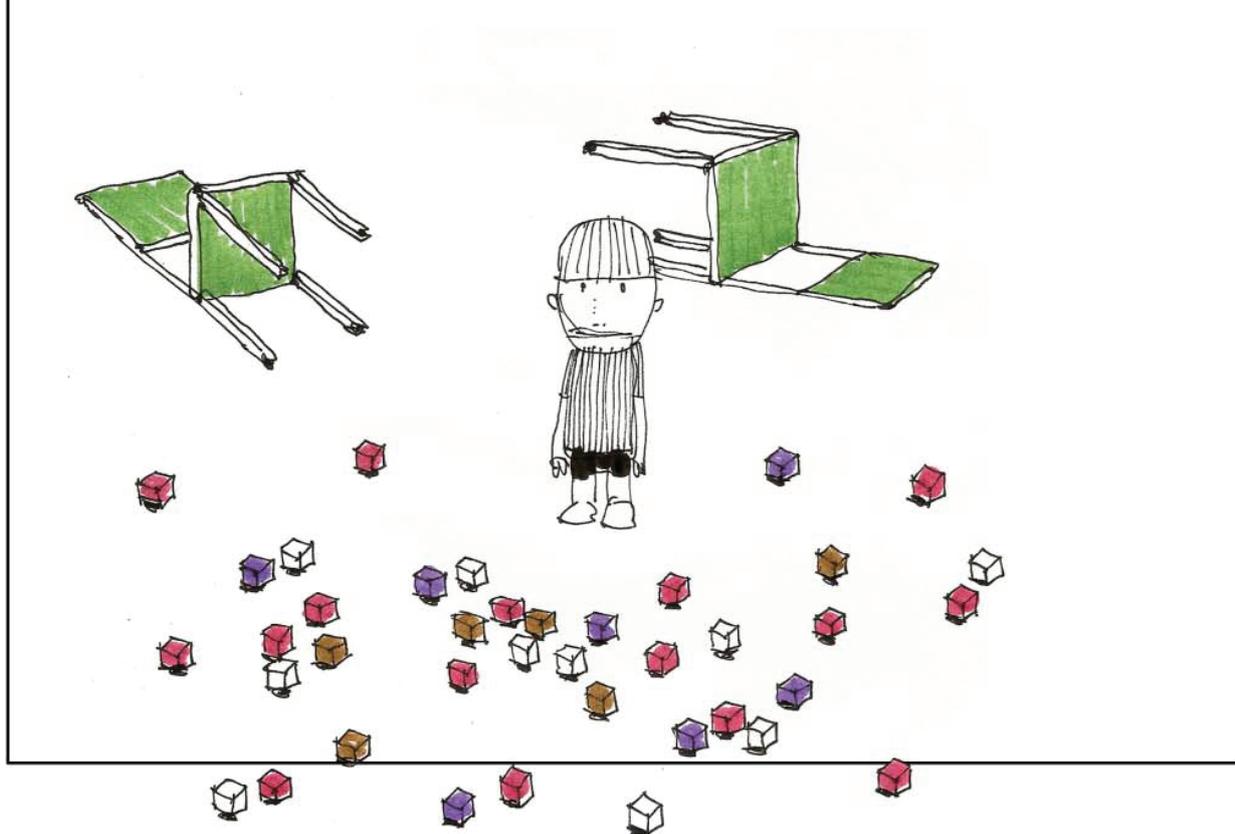


Naquela metrópole latino-americana, cidadãos caminham apressados pelas estações do metrô. Ramon passa, assim, despercebido, vendendo pen-drives e fones de ouvido num corredor movimentado da linha 4 (após exaustivas negociações com o dono do ponto, Ramon conseguiu alugar um metro quadrado de chão).

O caos que rege a organização das mercadorias não apenas desestimula possíveis compradores, como também contrasta com a delicada geometrização que caracteriza a identidade visual do metrô, criada sob a égide do design moderno. Uma iconografia racionalmente elaborada indica aos usuários que não se deve fumar, onde jogar seus resíduos e informa que a estação foi batizada com o nome do rei medroso dos astecas, convertido num pictograma de jaguar.

Presentear o sobrinho de sete anos tornou-se um desafio complexo pro Gaspar. Suas ideias acerca do consumo excessivo, sua relação amorosa com uma pedagoga construtivista, sua confessa nostalgia de um nebuloso passado: nada disso ajudava a equacionar a situação. Optou por um clássico jogo de montar (dizem que de origem sueca), embalado numa bela caixa à l'ancienne, pois havia escutado que o lance era dar aos pequenos “brinquedos semi-estruturados”.

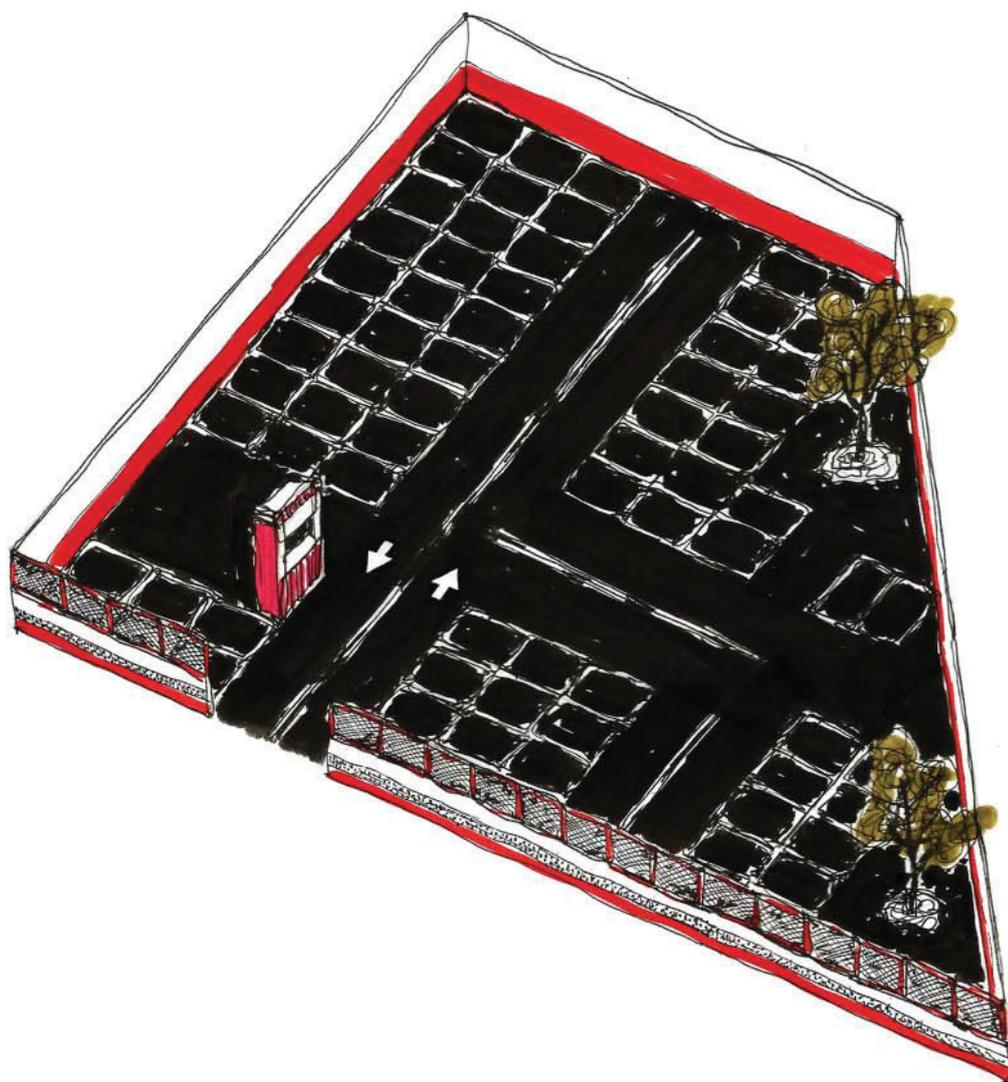
Batata! O pai do moleque, sociólogo, adorou a embalagem. Dizem que o menino montou uma única torre com as peças, na cor verde.



O estacionamento, mesmo resistindo por décadas, é um estágio intermediário, uma condição passageira: sucede as edificações anteriores e antecede o leque de possibilidades futuras de ocupação do terreno; nesse ínterim, carros estacionam.

Antes dele, um palacete, não muito grande, de estilo eclético, impunha-se aos arredores por meio de sua peculiar combinação de ornamentos em estuque, colunas salomônicas, azulejos pintados à mão e ladrilhos multicoloridos.

Como dissera um professor de estética, a construção despertava nos transeuntes a delicada simpatia evocada pelos símbolos de um poder pretérito, já solapado pela roda da fortuna: ninguém temia o singelo palacete, esmagado entre prédios.



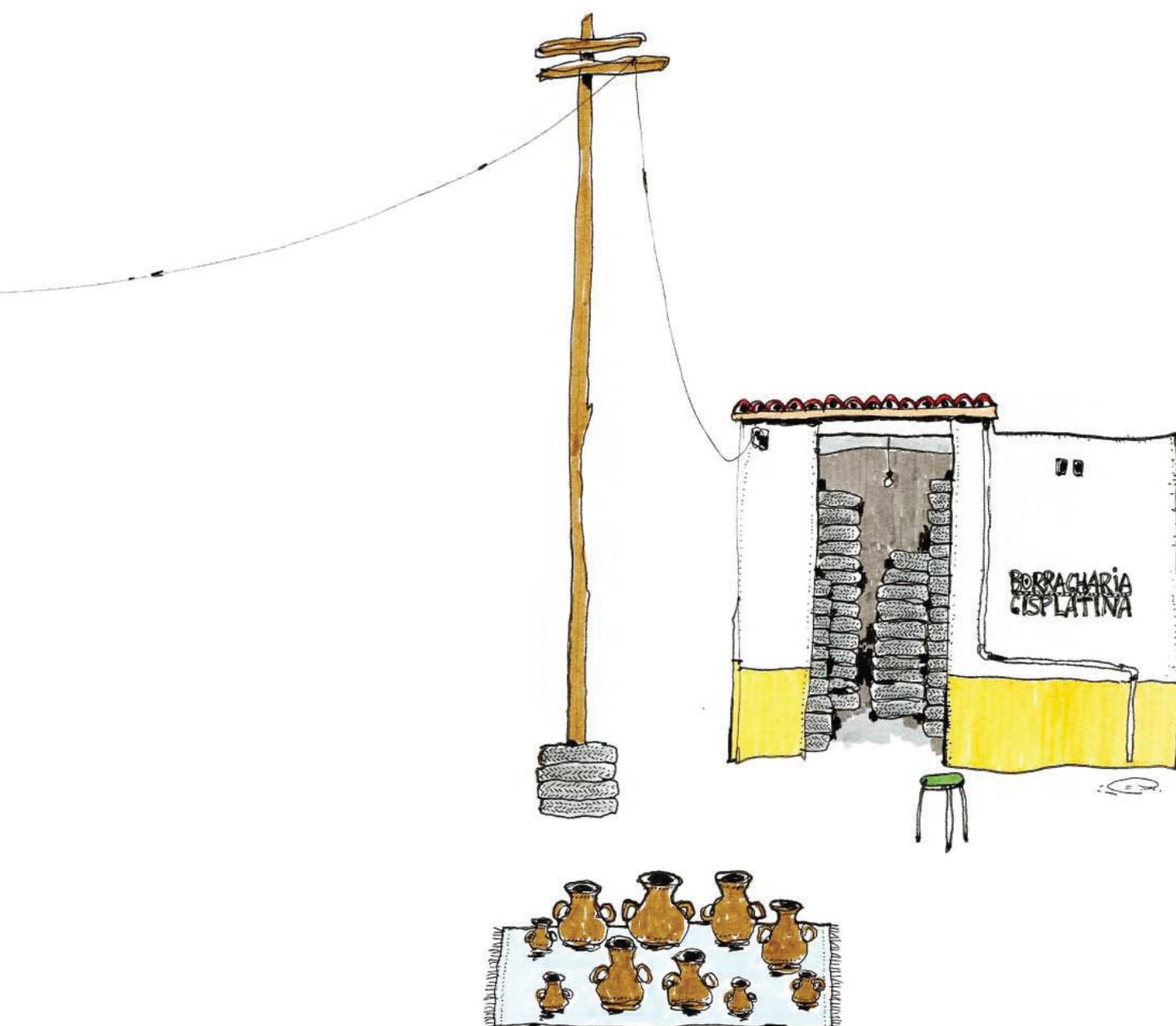
Na sexta lua do ano 8-movimento, três homens em uniformes governamentais adentraram, pela quarta vez, a aldeia. Traziam boas novas. A demanda indígena em torno da proteção do rito do pássaro sagrado acusava seus primeiros sucessos. “Avanços tímidos, como se imitassem o andar da ave”, era a piada preferida do comissário. Todavia, cumpria estar atento a um aspecto: fazia-se perceber, ainda discreta, a ação de algumas sociedades protetoras de animais envolvidos (de modo coadjuvante) no ritual. Que o chefe da tribo ficasse tranquilo, advogados já estavam trabalhando no caso.



“O faisão é um animal cultural”,  
falou o pastor. “Ele representa o amor  
da humanidade pelo colorido gratuito, pelo  
êxtase plástico, pelo fausto visual. Ao se espalhar  
por paisagens diversas do planeta, encantou homens  
e mulheres – que deram-lhe um nome e arrancaram suas  
lindas penas. O amarelo, o azul, o negro, o vermelho  
adornaram conquistadores, prostitutas e carnavalescos.  
Não bastasse, os malditos franceses descobriram que sua  
carne não apenas era comestível, como tinha  
sabor e textura inigualáveis. Habitou, desde  
então, mesas seletas. O faisão é, como  
eu dizia, um animal cultural.”



Etnógrafo amador, colecionador de artesanato indígena, Jean-Pierre já reformulou quatro ou cinco vezes suas convicções. É nisso que pensa enquanto se aproxima do local indicado pelos nativos como sendo o último foco de produção da cerâmica pela qual se apaixonara, décadas atrás. Sua imaginação havia lhe sugerido outro cenário: cabanas de palha e madeira organizadas em formato semicircular, crianças correndo nuas, fauna e flora exuberantes, sons de instrumentos feitos com pele de roedores.



Num esforço de reaproximação, pai e filho resolveram ir juntos ao cinema. O filho, buscando apoio em memórias remotas e temendo exigir demais do velho, sugeriu o ciclo de western no cineclube. Enquanto corria o filme, as reações eram opostas. O pai se inquietava pela carência de tiros: apenas dois em quarenta minutos (não era isso que ele esperava de um legítimo banguê-banguê); o filho, embasbacado, deliciava-se com os demorados planos-sequência.

Recordava um tempo distante, na faculdade, quando lia artigos da crítica francesa, ensinando aos norte-americanos que aquilo não era diversão barata.

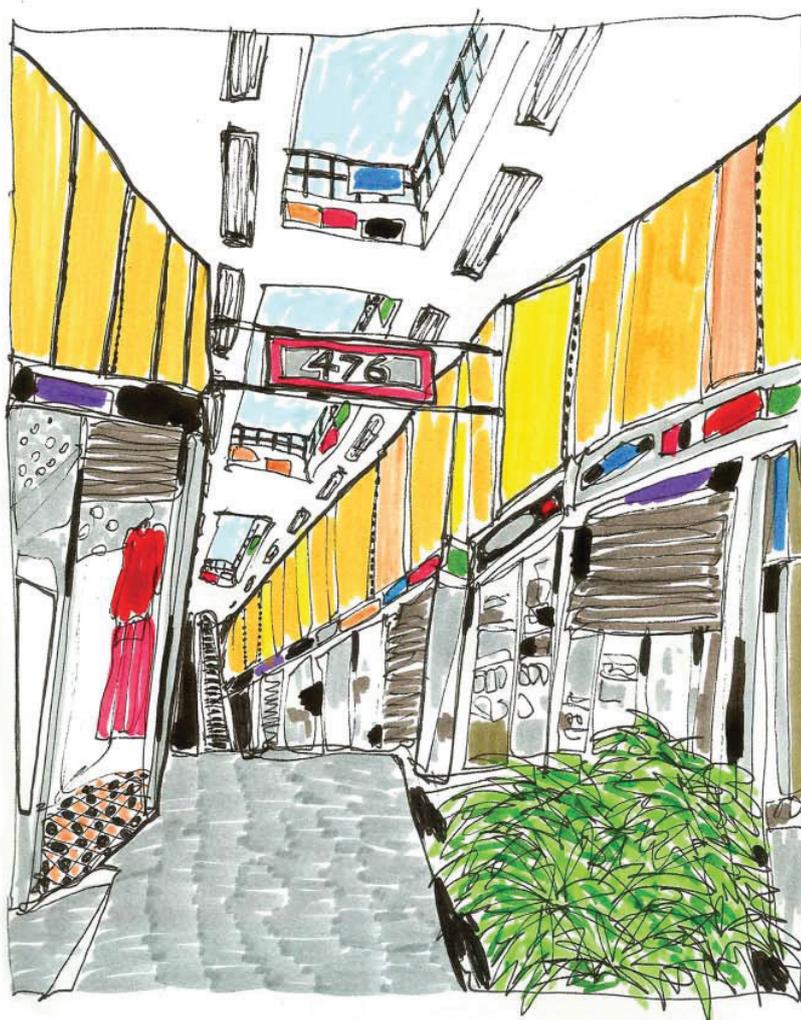


Mais de duas décadas de realização ininterrupta e o apoio de grandes empresas de telecomunicações (via leis de incentivo) conferiram à mostra anual de fotografia contemporânea uma importância que já ultrapassa fronteiras. Entretanto, a edição mais recente reservou uma surpresa. O prêmio principal foi conquistado pela fotografia sem título, ampliada em metacrilato, autoria de um carteiro que, durante o trabalho, costuma observar (com agudez, alguém acrescentaria) as peculiaridades da metrópole.

Três observações puderam ser ouvidas em meio ao burburinho do vernissage:

- a) rara é a convergência entre o faro documental e a refinada composição lograda pela obra;
- b) delicada tornou-se a situação da classe artística da cidade, que se deixou superar por um carteiro;
- c) alto deve ter sido o preço pago pela ampliação em metacrilato.





No momento de sua inauguração, a galeria reunia duas livrarias especializadas em literatura russa, atraindo universitários e depressivos.

Pouco depois, o povo do teatro invadiu o lugar, interpretando os coloridos corredores como cenário alternativo.

Mas isso foi até a invasão de imigrantes e suas mercadorias contrabandeadas, que trouxeram consigo consumidores desesperados e policiais escrotos.

A galeria de arte no fundo resistiu ao tempo, vendendo xilogravuras pela metade do preço.

A última onda atende pelo nome de street wear - mas o síndico distribuiu cartazes lembrando que é proibido entrar de skate.

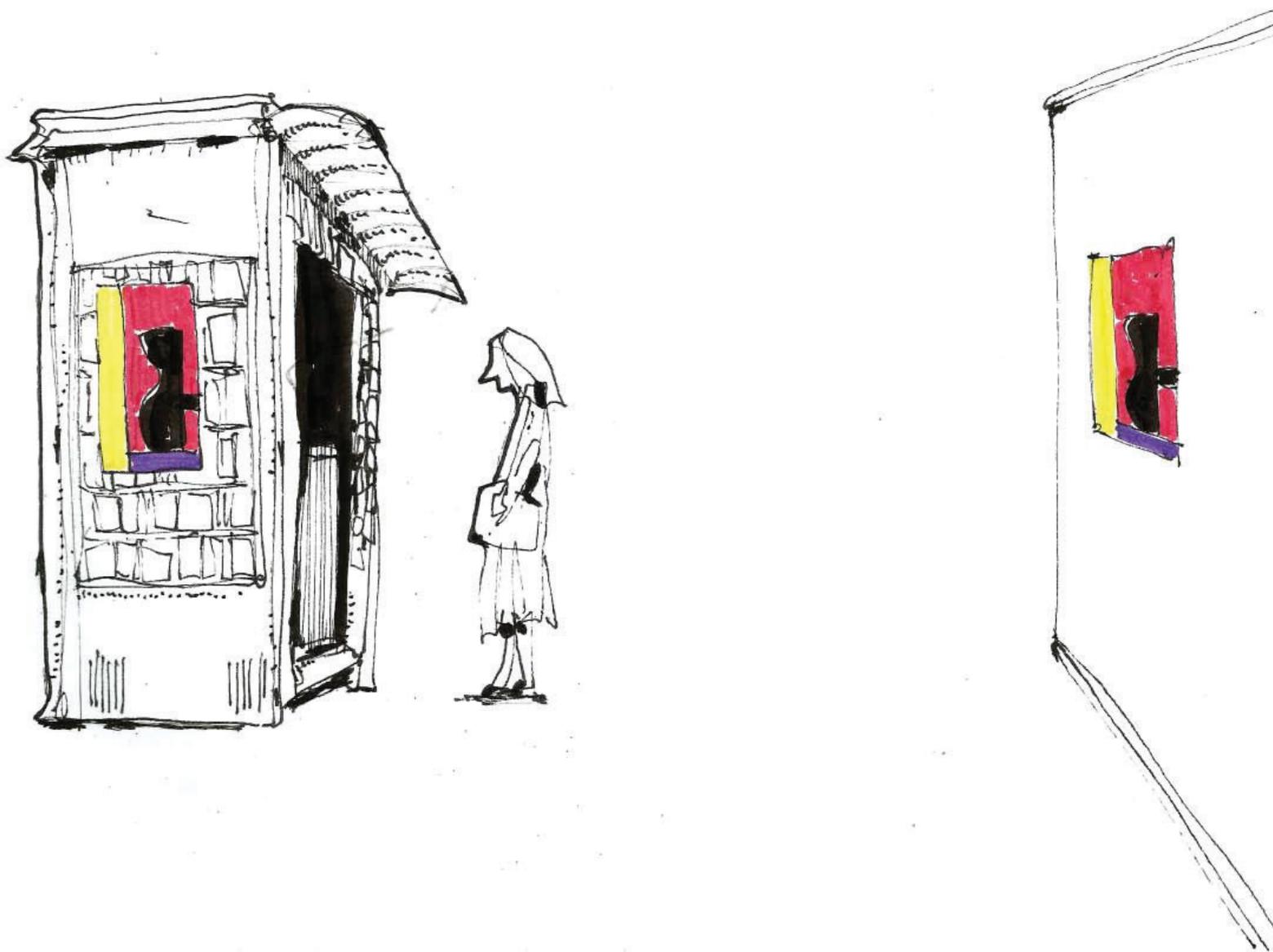


Não resta dúvida:  
a tatuagem da Samantha causou sensação.

Rapidamente, a disposição para a hermenêutica apoderou-se de corpos e mentes. O formato geométrico-minimalista traía, segundo o irmão, o estágio numa empresa de design em Seattle, dois anos atrás. Mas isso não explicava a vocação “old school” da tatuagem, identificada pelo Claudio, muito menos a espada flamejante. O crupiê entrevistou: menos difícil que explicar a espada, certamente contrabandeada da versão inglesa de um LP idolatrado pela galega, era compreender o besouro - possivelmente de origem amazônica - atravessado pela arma branca.

- Ela foi pro Pantanal, que eu saiba.

Samantha se cala.



Mas, como por milagre, todos os credos viram-se contemplados pelo poster.

